



A MULHER JORNALISTA NA EDITORIA DE ESPORTES¹

Nayara Maria VASCONCELOS²
Daniella RUBBO³
Unifae, São João da Boa Vista, SP

RESUMO

Este trabalho analisa a presença da mulher jornalista nas editorias esportivas, traçando paralelos com a evolução histórica da participação feminina no mercado de trabalho. O estudo parte do pressuposto de que houve um aumento no espaço ocupado pelas mulheres nas editorias de esportes dos veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão e Internet), especialmente a partir dos anos 1970. Os resultados indicam que esse aumento teve como causas o próprio crescimento do mercado e conjunturas históricas, a saber, tanto no jornalismo como em outras profissões, os homens, já inseridos no mercado de trabalho, se preocuparam menos com a própria formação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero; Mulher; Jornalismo Esportivo; Mercado de Trabalho.

INTRODUÇÃO

“Ora, pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?” (MUZART, s/d). Quando a argentina Juana Paula Manso de Noronha escreveu o editorial de lançamento do *Jornal das Senhoras*, em 1º de janeiro de 1852, certamente acreditava no potencial feminino. O primeiro periódico fundado e dirigido por uma mulher no Brasil nasceu da indignação diante da inferiorização de seu gênero. Mesma idéia defendiam as feministas, que encontraram na imprensa mais uma arma para combater a opressão e, principalmente, reivindicar os direitos.

Registros históricos comprovam que, ao longo dos séculos, grande parte das sociedades eram patriarcais, ou seja, a mulher quase sempre esteve subordinada ao homem. Sabe-se que na Grécia Antiga elas eram consideradas inferiores, não tinham acesso ao conhecimento intelectual e tampouco a atividades consideradas masculinas.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º. Ano do Curso de Jornalismo do UNIFAE: nayvasconcelos@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade do UNIFAE: rubbo@uol.com.br



As afirmações do general ateniense Xenofante, no século IV A.C., comprovam a existência do preconceito. Segundo ele, “os deuses’ criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras”. Sua argumentação era baseada no seguinte pensamento: “[...] que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, faça o menos número de perguntas possível” (ALVES e PITANGUY, 2003, p.12).

Ainda segundo ALVES e PITANGUY (2003), embora a mulher tenha exercido papéis de destaque entre alguns povos, durante a Idade Média, o estereótipo da fragilidade e indolência não deixou de existir. Em uma época em que a Igreja Católica detinha o poder, criou-se uma imagem denegrida das mulheres. Com a instituição do Santo Ofício, “bruxas” foram perseguidas e exterminadas e um dos argumentos utilizados era o seguinte:

Adão e Eva, o casal originário, justificador da divisão sexuada da humanidade, faz parte de um repertório ficcional, traduzido em um discurso fundados do humano, e determinado o lugar de cada sexo: o homem, imagem de Deus; a mulher, sedutora e fraca, destinada por seu erro à obediência e à dor. Dois pólos, um superior, outro inferior, marcados pelo signo do sexo, da sexualidade, da reprodução, cada um em seu papel segundo a “natureza” dotada do selo divino (NAVARRO-SWAIN, 2000, p.17).

A posição da mulher na sociedade foi se modificando ao longo do tempo. Após a passagem pela “Idade das Trevas”, elas entram na Modernidade em melhor situação. Embora a divisão sexual permanecesse, esclarece Scott (1994, p.447-448 apud NOGUEIRA, 2006, p. 24), era visível a presença de vendedoras ambulantes, amas e lavadeiras. “No setor industrial, trabalhavam no ramo da seda – rendas, roupas, tecidos e chitas – das ferragens, da olaria, e dos objetos de metal”.

Entretanto, no final desse período, entre os séculos XV e XVIII, é que surge o proletariado feminino, em consequência do aumento da migração do campo para a cidade, consolidação da burguesia e início Revolução Industrial. A princípio, houve resistência à entrada das mulheres nas fábricas. O preconceito masculino acarretava a recusa da mão-de-obra feminina, mandando-as de volta aos afazeres domésticos, mesmo que em casas de outras mulheres pertencentes à burguesia (NOGUEIRA, 2004, p. 7-8 apud NOGUEIRA, 2006, p. 25).

Contudo, é a partir do século XIX, que as mulheres, assalariadas, passam a mudar substancialmente sua história. As lutas por educação, voto e mercado de trabalho ganham força por meio das reivindicações feministas. A cidadania, concretizada na luta pelo direito ao voto, desponta como principal meta e é alcançada em 1932. A partir de



então, as lutas feministas se amenizam. Porém, o cenário, tenso para o mudo em guerras, proporciona a inversão da mão de obra nas fábricas – ora as mulheres são convocadas, ora expulsas do setor industrial.

A história da mulher no jornalismo brasileiro começa oficialmente na segunda metade do século XIX. Já inclusas no setor fabril, elas começaram a buscar métodos para contestarem a soberania masculina. Por meio de manifestações feministas, passaram a exigir o direito à educação, ao voto e melhorias no ambiente de trabalho. De acordo com Muzart (s/d) os movimentos “eram baseados nas lutas européias, tanto na política como também na questão da mulher”. Buscando recursos para defender as causas, as feministas conseguiram alcançar a imprensa e utilizá-la como meio de propagação de idéias. Os primeiros escritos eram tímidos, na forma de pequenos artigos publicados em periódicos dirigidos por homens (*O Espelho diamantino*, RJ, 1827; *O Espelho das Brasileiras*, Recife, 1831; *A Fluminense Exaltada*, RJ, 1832). Em 1831, Nísia Floresta teve 30 artigos publicados no jornal *Espelho das Brasileiras*⁴ e em 1832 traduziu o livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, de Mary Wollstonecraft” (BUITONI, 1990, p.53).

Ao longo do tempo, a presença da mulher no jornal impresso, rádio e TV, vai se fortalecendo, principalmente, com a regulamentação do jornalismo como curso superior e a exigência do diploma para exercício da função. Vale salientar que essa foi uma porta de entrada para as redações por duas razões sócio-históricas. Como o mercado jornalístico era predominantemente masculino, os homens em geral não haviam buscado formação acadêmica, e tinham se profissionalizado na prática. Esse fator, aliado ao ambiente universitário, menos marcado por questões sexistas na seleção e desenvolvimento dos ingressantes - atualmente o número de homens e mulheres cursando uma faculdade é praticamente o mesmo - acabou por franquear às mulheres um caminho menos tortuoso até as redações.

A projeção da mulher nas editorias de esportes aconteceu em paralelo com a ascensão feminina em diversas profissões e em um momento que o jornalismo esportivo firmava-se como um segmento profissional.

Os objetivos desse trabalho foram: analisar a presença das mulheres jornalistas nas editorias de esporte dos veículos de comunicação (jornal, internet, rádio, revista e

⁴ Ibidem.



televisão), identificando a presença e as origens do preconceito de gênero no jornalismo esportivo.

Este artigo utiliza como ferramenta teórica a análise de discurso, buscando detectar na contraposição dos discursos de homens e mulheres que trabalham na imprensa esportiva vestígios do preconceito que as pesquisas históricas e os números sobre quantidade de profissionais atuando na área indicam.

Segundo Pinto,

a análise de discurso procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos da sociedade. Os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (1999, p.7).

Assim, esse trabalho procurou olhar para as entrevistas realizadas como textos construídos socialmente, consciente de que os significados desses textos não residiam exclusivamente nas declarações explícitas dos entrevistados. Como afirma Pinto, (1999, p. 23), à análise do discurso “interessa explicar os modos de dizer (uso comunicacional da linguagem e de outras semióticas) exibidos pelos textos”.

Assim, as escolhas lexicais, as contradições, tanto internas de cada discurso como entre os autores, foram tomadas como indícios de um preconceito aparentemente em extinção, mas que se revela a cada dia, em atitudes e falas cotidianas.

Para tanto, utilizou-se a técnica de entrevistas focadas e despadronizadas realizadas, pessoalmente ou por e-mail, com homens e mulheres que atuam no jornalismo esportivo (Internet, jornal impresso, rádio e televisão), escolhidos aleatoriamente, por estarem inseridos nas editorias de esportes dos principais veículos do país (*ESPN Brasil, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Lance!, Placar, Sportv, Rádio Gazeta*).

PRECONCEITO EM CAMPO

Renata Falzoni, arquiteta, fotojornalista e vídeo-repórter, apresentadora do programa *Aventuras com Renata Falzoni*, do canal *ESPN Brasil*, está no jornalismo esportivo desde 1984, quando entrou na *Folha de S. Paulo* a convite de José Trajano. Naquele ano, o jornal buscava uma fotógrafa para cobrir os bastidores do basquete e



vôlei femininos. Renata revela que passou por situações complexas pelo pioneirismo, tanto nas coberturas esportivas quanto para outras editorias.

Eu mesma sofri preconceito por ser mulher na fotografia da Folha de S Paulo e só entrei justamente porque eu era mulher e eles precisavam de uma mulher para entrar nos vestiários das atletas⁵.

Para provar que ‘mulher não prestava’ para o ofício de fotógrafo fui incumbida de fotografar um albergue noturno de mendigos masculinos, onde, obviamente, mulheres não podiam entrar. Minha solução foi simples, entrei com a cara de pau que Deus me deu, ‘com ares de homem’ e fotografei o que pude, em especial os homens no banho, desnudos de forma explícita. Na manhã seguinte foi aquela ‘bronca’. O chefe da fotografia ficou ofendido com tanta nudez masculina e eu, sempre na minha cara de pau, retruquei:

— Ora se você não gosta de ver pau de homem, corta a foto na cintura, ué? Qual o problema?

Fui desde esse dia anistiada por ser mulher e ousar querer ser fotógrafa em jornal.⁶

O desabafo da jornalista reflete o quão difícil foi o início para as mulheres. Valores e opiniões à parte, ela reconhece sua ousadia e admite que precisou de “ares de homem” e “cara de pau” para executar a tarefa. O fato ilustra claramente o sexismo nas redações em meados de 1980.

Pouco mais de 20 anos depois do incidente do albergue, Renata acredita que hoje em dia não existe mais tanto preconceito como antigamente. “No entanto, a profissão de jornalista ainda é um tanto machista. De um modo geral, das mulheres exige-se mais beleza mais do que preparo profissional”, desabafa.

Existe de tudo, desde jornalistas capacitadas e belas como a Sônia Francine, por exemplo, que de fato conhece de esporte e não fala besteira, até personagens que eu prefiro nem mencionar, que de esporte nada entendem e apenas atuam de frente às câmeras de acordo com o que delas se espera. Zero de conteúdo. [...] desde as lindas e competentes até as nem tão lindas, mas iguais competentes que, sim, atraem e fixam audiência, até as burrinhas lindinhas que na verdade os números não provam atrair audiência. No quesito esporte, os números provam o público masculino quer competência e se vier em trajes femininos melhor⁷.

A voz feminina, tão surpreendente na época Rádio Mulher, logo ganhou outra forte representante, a radialista, jornalista e atriz Regiani Ritter. Há aproximadamente 23 anos no jornalismo esportivo, atualmente locutora e apresentadora de um programa

⁵ Entrevista concedida por Renata Falzoni, via e-mail, em 29/01/2008.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.



na *Rádio Gazeta*, é um dos nomes mais citados por autores e colegas do meio em termos de exemplo e competência.

As transmissões esportivas no rádio foram dominadas pelas vozes masculinas até o início da década de 90, quando a repórter Regiani Ritter despontou na imprensa. Demonstrando personalidade e competência, ela foi eleita a melhor jornalista esportiva do Estado de São Paulo em 1991. Regiani teve o auge na carreira em 1994, com transmissões da Copa do Mundo de futebol, realizada nos Estados Unidos, pela Rádio Gazeta (BARBIERI, ABREU e MOLINA, s/d).

Regiani⁸ admite que era um de seus sonhos testemunhar a presença feminina no rádio. Ela recorda que ouviu de um diretor, há 24 anos, que alguém da alta cúpula da emissora em que estava, que temia que a voz feminina tirasse a credibilidade da informação esportiva. “E já naquele tempo, a mulher discutia economia e política. Menos de um ano depois eu era a única repórter de uma equipe forte. E 10 anos depois eu era a UM das eliminatórias e da Copa que veio a seguir”, diz.

Fui premiada em 1991 quando atingi um dos meus objetivos: trabalhar em rádio, TV e jornal ao mesmo tempo, no jornalismo esportivo, especializada em futebol. O jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas, em duas votações, me elegeu a melhor do ano. Foi uma surpresa, das melhores. Fui editora chefe de esporte da *TV Gazeta* e da *TV Record*. Fui produtora executiva e comentarista do Mesa Redonda na *Gazeta* e do programa do Osmar Santos na *TV Record*. Só não narrei jogos, apesar da insistência de um diretor de emissora, porque não me senti capaz. Mas eu gostaria de ver mais mulheres atuando na área⁹.

A conquista, citada acima, elevou o status das mulheres envolvidas no meio esportivo e gerou indignação de alguns homens. Abreu revela que “justamente nesse ano a jornalista sofreu o maior problema em relação ao sexo. Em um treino do Corinthians outro jornalista deu de forma irônica os parabéns pelo título de melhor jornalista do ano”. Indagada sobre o incidente citado por Abreu, ela conta que o colega ironizou o prêmio, entendendo que ela não tinha concorrente, mas na verdade ela concorrera com seiscentos homens, inclusive com ele. “Até respondi: ‘não há nada pior do que um jornalista desinformado, informe-se melhor, quem sabe no próximo ano você tenha alguma chance’. E, claro, ele ficou falando sozinho...”¹⁰.

Heleni Felipe é repórter de esportes olímpicos do jornal Estado de S. Paulo e trabalha com palestras sobre mídia esportiva e um livro sobre basquete. Na área desde 1976 – há 15 anos nos esportes olímpicos -, já cobriu três Jogos Olímpicos (Atlanta/96 - foi a primeira vez que usou celular em uma cobertura internacional; Sydney/2000 e

⁸ Entrevista concedida por Regiani Ritter, via e-mail, em 27/06/2008.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Entrevista concedida por Regiani Ritter, via e-mail, em 28/08/ 2008.



Atenas/2004), quatro Jogos Pan-Americanos (Mar del Plata/95, Winnipeg/99, Santo Domingo/2003 e Rio/2007) e vários Mundiais (Basquete Masculino/Canadá/94; Basquete Feminino/Alemanha/98; Vôlei/Brasil/98; Atletismo Juvenil/Kingston (JAM)/2002; Atletismo Adulto/Paris (FRA)/2003; Atletismo Adulto/Helsinque (FIN)/2005; etapas da regata de Volta ao Mundo Volvo Ocean Race, na Cidade do Cabo (AFS), Roterdã (HOL) e Gotemburgo (SUE), em 2006.

Quanto ao preconceito, Heleni diz que não sente tanto a existência do problema porque cobre esportes olímpicos, onde a aceitação feminina é boa, diferente do futebol, cercado por algum preconceito¹¹. “Já vi muitas garotas, jovens jornalistas, serem alvo de cantadas, de colegas jornalistas (muitas vezes chefes!) e atletas também. O jeito é se ‘fazer de árvore’ e seguir se impondo pela capacidade e competência”¹², desabafa.

Marília Ruiz, colunista do Lance!, com oito anos de jornalismo esportivo, é um nome bastante conhecido no meio jornalístico, devido a sua passagem por jornal, TV, rádio e Internet. Apaixonada pela profissão, diz que sempre quis trabalhar com esporte e resume o problema do preconceito dizendo que “há poucas mulheres, há preconceito. Mas isso não proíbe nenhuma de entrar no mercado de trabalho, sempre sedento por gente competente, não torcedores travestidos de jornalistas. Jornalismo esportivo é coisa séria, não é papo de boteco!”¹³.

Patrícia Rangel, graduada em Publicidade e Propaganda e Jornalismo, trabalha na Universidade UNIBAN e nas Faculdades Integradas Rio Branco, onde ministra as disciplinas Radiojornalismo, Oficina de Rádio, Redação e Linguagem Radiofônica e orientação a TCC’s. Seu mais importante trabalho é o Manual do Jornalismo Esportivo, escrito em parceria com Heródoto Barbeiro, onde questionam os diversos tópicos das coberturas esportivas.

Com currículo também extenso, Patrícia já trabalhou em duas Copas do Mundo: França (1998) pelo *Sistema Globo de Rádio e CBN*, e Coréia e Japão (2002) pelo *Canal Sportv*, duas Olimpíadas: Atlanta (1996) e Sydney (2000), além de diversas outras competições como Sulamericanos, Libertadores, Copa América, Eliminatórias, Mundiais de Vôlei, torneios de tênis, etc. Para ela, a situação feminina no esporte vem melhorando consideravelmente, mas ainda é muito pouco.

¹¹ Entrevista concedida por Heleni Felippe, via e-mail, em 4/01/2008.

¹² *Ibidem*.

¹³ Entrevista concedida por Marília Ruiz, via e-mail, em 5/12/2007



Antigamente a mulher que escolhia se especializar em jornalismo esportivo era considerada até pouco feminina e se gostasse de futebol, era ainda pior. Tanto na sociedade quanto nas redações o preconceito não existe, se bem que nas redações a mulher, em sua maioria cobre os outros esportes que não seja o futebol. Talvez neste esporte sim, ainda haja preconceito quanto à cobertura e ao entendimento. Ainda é um esporte machista. Mas tudo depende da postura da mulher.¹⁴

Patrícia diz que nunca passou por nenhuma situação constrangedora na profissão porque, segundo ela, nunca deu espaço para isso acontecer. “Sempre fui respeitada na minha área. E olha que, por exemplo, na *Rádio Globo*, minha equipe tinha 23 homens e duas mulheres. Uma era a secretária da redação esportiva e a outra era eu, a produtora executiva”¹⁵.

Quando indagada sobre a cobertura do futebol pelas mulheres, ela confirma sua posição em relação ao possível preconceito no futebol, considerando-o um esporte historicamente machista. “Mas temos, dentro do jornalismo mulheres que sabem tudo de esporte e de futebol. Regiane Ritter, da *Gazeta*, e Marília Ruiz, do *Lance!*, são dois ótimos nomes de destaque”¹⁶.

Soninha Francine, da ESPN e Folha de S. Paulo, lembra que, às vezes, entrava por último na van da equipe e o motorista contar que os “caras” estavam a “detonando”. Como chegava sempre com muitos papéis, eles diziam “vamos ver se assim ela aprende alguma coisa. Não era um comentário inocente. Era antes de eu entrar na van”¹⁷, afirma.

Sempre tinha um ou outro que me passava uma bola quadrada na transmissão... Nenhum de nós da equipe saberia qual é a característica do volante reserva da Inter de Limeira. Não é uma informação que nos chegou. É o primeiro jogo da temporada, a gente não transmitiu nada ainda, o cara chegou agora vindo da B2B, mas o técnico o põe em campo e o narrador me pergunta assim: “E aí Soninha, pelas características do João Leite, o que você acha que o técnico espera dele em campo?”. É sacanagem! E é claro que tem saída para tudo. Ele está tirando um centro-avante e colocando um volante. Oras, o que será que ele espera do João Leite, né? Não era uma pergunta inocente. [...] Então tem o preconceito irredutível, que não importa o que você faça e o cara não quer saber, e tem o que vai sendo demolido com o tempo¹⁸.

O jornalista e engenheiro Luís Augusto Simon (Menon), repórter do jornal *Agora São Paulo*, trabalha com esportes há 20 anos e já cobriu três Copas do Mundo (1994, 2002 e 2006), três Copas América (1993, 1995 e 2001) um Pan-Americano

¹⁴ Entrevista concedida por Patrícia Rangel, via e-mail, em 13/08/2007.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Depoimento de Soninha Francine durante o Curso de Jornalismo Esportivo, no Espaço Cult, em 28/06/2008.

¹⁸ Ibidem.



(1991) e seis Libertadores, além de vários Brasileiros. Em sua visão, mulher entende, sim, de esportes, mesmo que “ainda há poucas e a maioria trabalhe em esportes olímpicos e não em futebol. Acho que existe pouco preconceito. O talento sempre vence”¹⁹. Todavia diz que elas perdem “apenas porque não tem lembrança afetiva do jogo. Nunca fez um gol. Mas tem toda capacidade de trabalhar tão bem como os marmanjos”²⁰.

Já Carlos Cereto, jornalista, repórter do *Sportv* considera “muito importante a participação das mulheres em, qualquer setor de atividade. É evidente que um profissional pode ser melhor do que o outro mas não tem nada a ver com o fato de ser homem ou mulher”²¹.

Juca Kfourí, da *ESPN Brasil*, rádio *CBN* e *Folha de S.Paulo*, afronta os conceitos machistas, classificando-os como “um preconceito burro”. Para ele, “cada vez tem mais mulheres no mercado jornalístico e é natural que elas trabalhem também na editoria de esportes”.²²

E dispara contra a utilização da imagem feminina na TV:

Acho que é uma exploração burra, por a mulher gostosa, a secretária de palco. Isso é um absurdo, é revelação do que há de mais machista no trato com a mulher. Mas estou falando de Soninha Francine, de Marília Ruiz, das jornalistas que são jornalistas, que poderiam ser homens e são mulheres. Não estou falando dessa coisa de só pra ser o ornamento do programa”²³.

André Rizek é repórter da *Placar*, comentarista do *SporTV* e mantém um blog no Portal *IG*, além de colaborar com outras revistas da *Abri!*, quando solicitado. Embora tenha feito coberturas internacionais como duas Copas do Mundo, de 1998 (pelo *Lance!*) e 2006 (pela *Placar*), ficou conhecido nacionalmente ao desvendar a “*Máfia do Apito*”, na *Veja*, em 2005.

Ao refletir sobre sua carreira, ele confessa que “tinha muito preconceito com a área, embora sempre tenha sido fanático por futebol. Olhava os repórteres de esportes e jurava que jamais seria um deles”.²⁴ Porém, hoje considera-se realizado, afirmando que

¹⁹ Entrevista concedida por Luís Augusto Simon (Menon), via e-mail, em 5 de Dezembro de 2007.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Entrevista concedida por Carlos Cereto, via e-mail, em 5 de Dezembro de 2007.

²² Entrevista concedida por Juca Kfourí, no I Salão Nacional do Jornalista escritor, em 18 de novembro de 2007.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Entrevista concedida por André Rizek, via e-mail, em 18 de janeiro de 2008.



é um “jornalista esportivo, com muito orgulho e prazer. Eu devia ser muito presunçoso para não querer essa vida, que é muito boa”²⁵.

Ao declarar sua paixão por jornalismo esportivo, André, comentou sobre as colegas de editoria:

Cada vez mais surgem mulheres talentosas na nossa área. Na medida em que o futebol foi ficando “mais profissional” (e mais chato também), sem entrevistas no vestiário, enquanto a boeirada tomava banho, na medida em que se começou a fazer cada vez mais jornalismo em nossa área, e menos “boeirismo”, o machismo foi diminuindo e apareceram várias mulheres competentes. E chegaram para ficar. Há boas repórteres no nosso meio. Isso parece irreversível. Ainda bem. É muito chato conviver apenas com marmanjos²⁶.

Eduardo Maluf, subeditor de esportes do *Estado de S. Paulo*, percebe o aumento feminino nos jornais, contudo, para ele, o número “está longe do que podia, do que a gente espera que seja um dia. Ainda tem muito menos mulher do que homem e elas são tão competentes quanto, ou mais competentes, algumas. Estou vendo muita mulher interessada em seguir o jornalismo esportivo”²⁷.

MERCADO DE TRABALHO

Renata Falzoni atribuiu à entrada da mulher nas diversas modalidades de jornalismo esportivo à “simples necessidade de mercado. Mulheres devem entrar em todas as áreas antes apenas masculinas, pois essa é a tendência e vice-versa também. Homens, hoje, atuam onde antes era domínio apenas feminino”²⁸.

Regiani Ritter, confiante na competência, alega que o ‘Clube do Bolinha’ ainda existe, mas com algumas portas abertas, forçadas pelo trabalho e pelo talento da mulher²⁹. E admite: “Eu queria mais, mais mulheres alargando os horizontes. Hoje estou vendo isso. Ainda é pouco, mas há de chegar a hora em que será uma divisão justa, igual”³⁰.

Heleni Felipe ao resgatar o jornalismo no mercado de trabalho brasileiro, tece o seguinte comentário:

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Entrevista concedida por Eduardo Maluf, no Seminário de Jornalismo Esportivo do *Portal Comunique-se*, em 08 de dezembro de 2007.

²⁸ Entrevista concedida por Renata Falzoni, via e-mail, em 29 de Janeiro de 2008.

²⁹ Entrevista concedida por Regiani Ritter, via e-mail, em 27 junho de 2008.

³⁰ Ibidem.



Como em outras áreas da atividade humana, as redações também se abriram para as mulheres. Tenho a certeza, pela minha vivência em redações e observações, que o número de mulheres cresceu muito na área. Mas nas Editorias de Esportes, as mulheres ainda são minoria³¹.

Marília Ruiz, ao comentar os fatores responsáveis pelo ingresso das mulheres nas editorias de esportes, é objetiva: “são os mesmos que abriram as portas da fábricas, das faculdades de engenharia, das metalúrgicas... ao mundo moderno!”³².

Eduardo Maluf acredita que a condição feminina na área esportiva melhorou, embora haja a desvantagem do machismo.

Antigamente a mulher tinha muito mais dificuldade para ingressar no mercado, por ser mulher num meio machista como é o esporte, o jornalismo esportivo. Ainda há uma desvantagem do homem, um pouco de machismo, mas está mudando aos poucos³³.

Para André Rizek, que admitiu ter preconceito com o esporte antes de iniciar a carreira, acredita que a entrada das mulheres no jornalismo esportivo aconteceu

quando a cobertura jornalística no esporte passou a ser menos boleira para ser mais jornalística mesmo, com reportagens sérias e de qualidade como se vê nas outras áreas. Talvez as mulheres ainda não sejam boleiras, digamos assim, mas são jornalistas como qualquer marmanjo. E bom jornalismo é bom jornalismo, não importa se o assunto é futebol ou uma caixa de fósforo. Não importa ser boleiro. Importa, agora, ser bom jornalista³⁴.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a maioria dos entrevistados e autores pesquisados, a presença das mulheres jornalistas nas editorias de esporte, não é um fenômeno surpreendente, é, simplesmente, consequência da emancipação feminina em todos os segmentos.

Porém, o sexismo existente desde os primórdios, jamais se extinguiu, somente passou a se manifestar de outras formas. Tanto que alguns jornalistas afirmam que não há mais preconceito e, em seguida confrontam suas idéias. Ao lembrarem do futebol, confessam, nas entrelinhas, que existe distinção de gêneros. As contradições acontecem em declarações, aparentemente liberais, mas que trazem conceitos machistas, como o de Luís Augusto Simon, que defende o talento e em seguida diz que as mulheres perdem

³¹ Entrevista concedida por Heleni Felipe, via e-mail, em 04 de janeiro de 2008.

³² Entrevista concedida por Marília Ruiz, via e-mail, em 05 de dezembro de 2007.

³³ Entrevista concedida por Eduardo Maluf, no Seminário de Jornalismo Esportivo do *Portal Comunique-se*, em 08 de dezembro de 2007.

³⁴ Entrevista concedida por André Rizek, via e-mail, em 17 de janeiro de 2008.



para os homens nas coberturas de futebol por nunca terem feito um gol e, por isso, não terem lembrança afetiva do jogo.

Além dos equívocos nos discursos, as estáticas apontam as jornalistas como minoria no esporte. Coelho (2003, p.34-35) assegura que “era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa não mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino”. Segundo o jornalista, hoje as redações têm aproximadamente 10% de mulheres em relação a homens”. E justifica:

é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em estádio de futebol, autódromo, ou ginásio há mais homens que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres nas redações³⁵.

Para constatar as colocações que Paulo Vinícius Coelho fez em 2003 se confirmam [até 2008], alguns entrevistados forneceram dados aproximados³⁶ quanto à proporção de homens e mulheres em suas redações. Confira tabela abaixo:

Veículo	Homens	Mulheres
ESPN Brasil	70%	30%
Estado	75%	25%
Lance	90%	10%
Placar	100%	0%
Rádio Gazeta	50% (produção) e 99% (microfone)	50% (produção) e 1% (microfone)
Sportv	80%	20%

A respeito do interesse feminino pelo esporte, também levantado por Coelho, se, realmente o baixo índice de mulheres no segmento é reflexo do interesse delas próprias, as entrevistadas indicam exceções – ou o contrário.

Patrícia Rangel freqüentava estádios de futebol desde os cinco anos de idade, quando começou a acompanhar o pai, médico de clubes profissionais como Palmeiras e São Paulo. “Quando entrei para fazer jornalismo, já sabia desde o primeiro dia de aula (e muito antes disso até) que queria fazer jornalismo esportivo, não me via fazendo outra coisa. Toda minha carreira foi voltada para este segmento”³⁷.

Renata conta que a ligação com o esporte é antiga, sobretudo ao montanhismo, prática que iniciou Centro Excursionista Universitário (CEU) da USP, nos anos 70. “Na

³⁵ Ibidem. Ib.

³⁶ O único dado comprovado é o referente à proporção de homens e mulheres no Sportv. Lígia Lemos, estagiária do canal, fez o levantamento para seu trabalho de conclusão de curso.

³⁷ Entrevista concedida por Patrícia Rangel, via e-mail, em 13/08/07.



adolescência praticava natação, equitação, esqui aquático, ciclismo, futebol, vôlei, basquete entre outros esportes”³⁸.

Marília Ruiz sempre quis trabalhar com esporte. “Depois de formada, fui chamada para trabalhar no caderno de esporte. [...] Virei jornalista e assumi novos projetos, em TV, rádio e Internet”³⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na breve revisão bibliográfica realizada para a execução desse trabalho foi possível verificar que, ao longo dos séculos, a história das relações de gênero foi marcada pela subordinação das mulheres aos homens. As diferenças, notáveis desde os primeiros povos, influenciaram nos estereótipos de fragilidade carregados ao longo do tempo. Em certos momentos, quando essa subordinação era contestada, descendência de Eva recebeu toda sorte de castigos. Foram perseguidas, escoraçada, assassinadas. Enfrentaram a escravidão, as moléstias, os abusos.

O caminho da emancipação feminina, tanto na sociedade como no jornalismo, tem sido foi vagarosa. Ao longo dos levantamentos realizados para esse estudo, constatou-se que o preconceito contra a mulher, marca secular das relações de gênero, diminui consideravelmente. Contudo, ainda se faça presente e, particularmente no jornalismo esportivo, é mensurável na diferença salarial, na proporção de homens e mulheres atuando nessa área e, principalmente, na fala e na prática cotidiana desses profissionais.

O jornalismo chegou tardiamente ao Brasil e demorou quase um século para se segmentar. A evolução das editorias de esporte começou na época de maior turbulência feminista. Quando o jornalismo esportivo realmente conseguiu se firmar no contexto nacional, as mulheres estavam se infiltrando nas diversas profissões e a fusão aconteceu naturalmente.

Entretanto, como foi possível verificar ao longo desse trabalho, no meio esportivo os homens são a grande maioria. Uma justificativa apresentada pela maioria dos entrevistados para essa desproporção seria falta de interesse das mulheres por

³⁸ Entrevista concedida por Renata Falzoni, via e-mail, em 29/01/08.

³⁹ Entrevista concedida por Marília Ruiz, via e-mail, em 05/12/07.



esportes. Argumento por si só preconceituoso, que pressupõe uma certa aptidão natural para determinadas áreas, determinada pelo gênero.

Nas redações de esportes o preconceito gera tanta polêmica que, ao mesmo tempo em que é negado, é comprovado. Homens entrevistados declaravam que o preconceito não existia, mas depois entraram em contradição em suas próprias falas. As mulheres entrevistadas, vítimas ou não de preconceito, tem consciência dessa distinção de gêneros, especialmente nas coberturas de futebol.

No jornalismo esportivo o preconceito é evidenciado por depoimentos e números. Em praticamente todos os veículos de comunicação pesquisados o número de mulheres é menor. Mesmo que venha se desfragmentando com os anos, há “tabus” a serem quebrados. A aspiração das mulheres é, ainda, conseguir alcançar a igualdade entre os gêneros, também nas redações de esportes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A.A.; ROCHA, D. (Orgs.). **Elas ocuparam as redações**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ALBERT, P. TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- AMARAL, L. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- ALVES, B.M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003
- AMBROZIO, A.M. **Mulheres conquistam mercado, mas ganham menos**. Disponível em: www.bndes.gov.br. Acesso em 18/01/2009.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**: História da Imprensa Brasileira. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBEIRO, H. RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARBIERI, T.; ABREU, F. MOLINA, T. **Mulheres lutam, mas ainda sofrem preconceito no rádio esportivo**. Disponível em www.mackenzie.com.br. Acesso em 18 de janeiro de 2009.
- BUITONI, D.S. **Imprensa feminina**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.
- CAMARGO, V.R.T.; MARQUES, J.C.; CARVALHO, S. **Comunicação e esporte**: tendências. Santa Maria (RS): Palloti, 2005.
- CAPELATO, M.H.R. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP), 2004.
- COELHO, N.N. **A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (séc. XIX – séc. XX)**. Disponível em <http://kplus.cosmo.com.br>. Acesso em 15 de agosto de 2008.
- COELHO, P.V. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, Contexto, 2003.
- DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- GONSALVES, E.P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2005.



- LINHARES, M. **Nos bastidores do jornalismo esportivo**: a magia da cobertura esportiva mundial. São Paulo: Celebris, 2006.
- MARCONI, M.A. LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.
- MARQUES, J.C. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.
- MUZART, Z.L. **Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX**. Disponível em <http://biblioteca.universia.net>. Acesso em 14 de novembro de 2007.
- NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- NOGUEIRA, C. M. **O trabalho duplicado** - a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- RAGO, M. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In DEL PRIORE, M.(Org). História das Mulheres no Brasil. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAFFIOTI, H. **Mulher brasileira**: opressão e exploração. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.
- SINA, A. **Mulher e trabalho**: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade. São Paulo: Saraiva, 2005.
- SODRÉ, N.W. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STEARNS, P.N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.
- STUDART, H. **Mulher, objeto de cama e mesa**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação e informação esportiva**: jornalismo para iniciados leigos. São Paulo: Summus, 2005.